



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFROBRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

ANA PAULA RIBEIRO DOS REIS

**COLCHA DE RETALHOS: COSTURANDO VIDA, MEMÓRIAS E ORALIDADE EM
SE EU PUDESSE VIVER MINHA VIDA NOVAMENTE DE RUBEM ALVES**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

ANA PAULA RIBEIRO DOS REIS

**COLCHA DE RETALHOS: COSTURANDO VIDA, MEMÓRIAS E ORALIDADE EM
SE EU PUDESSE VIVER MINHA VIDA NOVAMENTE DE RUBEM ALVES**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras – Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade Federal da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Mirian Sumica Carneiro Reis.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

R298c

Reis, Ana Paula Ribeiro dos.

Colcha de retalhos : costurando vida, memórias e oralidade em Se eu pudesse viver minha vida novamente de Rubem Alves / Ana Paula Ribeiro dos Reis. - 2019. 44 f.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2019.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Míriam Sumica Carneiro Reis.

1. Autobiografia na literatura. 2. Oralidade na literatura. I. Alves, Rubem, 1933-2014 - Crítica e interpretação. II. Se eu pudesse viver minha vida novamente - Crítica e interpretação. III. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 869.8

ANA PAULA RIBEIRO DOS REIS

**COLCHA DE RETALHOS: COSTURANDO VIDA, MEMÓRIAS E ORALIDADE EM
SE EU PUDESSE VIVER MINHA VIDA NOVAMENTE DE RUBEM ALVES**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras – Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade Federal da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Aprovado em 03 de abril de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Mirian Sumica Carneiro Reis (Orientadora)

Doutora em Teoria da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro
Professora de Teoria da Literatura na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Igor Ximenes Graciano

Doutor em Estudos de Literatura pela Universidade Federal Fluminense
Professor de Teoria da Literatura na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof^a. Dr^a. Vânia Maria Ferreira Vasconcelos

Doutora em Literatura Contemporânea pela Universidade de Brasília
Professora de Literatura na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

AGRADECIMENTOS

Um dia, quando estava na quarta série, as estagiárias colocaram a música do trem, de Guilherme Arantes. A música dizia: “amor, é hora de partir, o coração sentir saudade de você”. Chorei tanto. Chorei porque sabia que aquele tempo iria acabar, aqueles dias de brincadeiras-aprendizado iriam acabar. E chorei pela poesia da música e do momento. Depois daquele dia, aquela música nunca mais foi a mesma para mim, sempre que ouço sinto a mesma coisa daquele dia na quarta série e sinto vontade de chorar.

Agora mesmo, ao escrever essas palavras, faço com lágrimas nos olhos. “O trem entrou pela manhã...”. É manhã, são quase 11:00 e eu choro. Choro porque mais uma vez me despeço de algo especial, me despeço da Unilab, dos colegas, do curso de Letras. Não choro de tristeza, é um choro de saudade – Rubem Alves me entenderia. Sempre fui dada a choros. E isso antecede a quarta série. É algo que quero chamar de poesia. Meu choro é poesia.

Agora é a hora de agradecer. São muitas, mas muitas mesmo, as pessoas para quem gostaria de prestar uma homenagem, mas não quero correr o risco de esquecer um nome sequer. Quero agradecer a cada um de vocês que se fazem pedacinhos de mim. Ocorreu-me uma frase que me remete ao mesmo dia, na quarta série: “as pessoas que passam pela nossa vida nunca partem só. Deixam um pouquinho de si e levam um pouco de nós”, segundo o google essa frase é do Exupéry e eu acredito, pois amo *O pequeno príncipe* e sinto a mesma sensação que senti na quarta série todas as vezes que o leio.

De todas as pessoas do mundo a que eu mais quero agradecer nesse momento é Dona Lúcia, minha mãe. Mulher simples, mãe de nove! Mainha, agradeço por ter vindo para a mãe terra por intermédio seu. Eu te amo imensamente.

Oxum, também te agradeço e nem queria chorar, mas já estou de novo com os olhos cheios d'água. Eu te amo e sou grata por todo o amor.

Agradeço a cada música, cada livro, cada pessoa que marcou a minha vida. Eu sou uma colcha de retalhos muito completa e gigante, pois são muitos os pedaços que me compõem.

Agradeço a todos os (des)caminhos que me trouxeram para a Unilab e agradeço pelo acolhimento e descobertas.

Sou grata, sou grata, sou grata.

“Amor, é hora de partir, o coração sentir saudade de você...”.

Se eu sou algo incompreensível, meu deus é mais.

(Gilberto Gil)

RESUMO

Trazemos aqui os resultados da nossa pesquisa a respeito do livro *Se eu pudesse viver minha vida novamente*. Trata-se de uma coletânea de crônicas autobiográficas escritas pelo autor brasileiro Rubem Alves. Nela o leitor conhecerá as memórias da infância, a vida e a velhice do autor. O nosso objetivo foi trazer poesia para o texto acadêmico costurando, com pedacinhos de crônicas do livro *Se eu pudesse viver minha vida novamente*, uma narrativa que atravesse a vida de Rubem Alves, suas memórias e sua escrita-oralidade. Desse modo, é pelas próprias palavras dele que sua história será contada. A nossa interferência foi no recorte dos retalhos e na costura como um todo. Nos dedicamos desde o início a uma escrita que soasse leve. Uma escrita que se enquadre nos vieses da academia, mas que seja carregada de uma intenção poética. Acreditamos que Rubem Alves, com toda a sua poesia, merece ser tratado com ternura e livre de tantas formalidades.

Palavras-chave: Alves, Rubem, 1933-2014 - Crítica e interpretação. Autobiografia na literatura. Oralidade na literatura. *Se eu pudesse viver minha vida novamente* - Crítica e interpretação.

ABSTRACT

We bring here the results of our work about the book *If I could survive my life again*. It is the question of a collection of chronic autobiographical writings for the Brazilian author Rubem Alves. In her the reader will know the memories of the childhood, the life and the old age of the author. Our objective brought poetry to the academic text sewing, with pedacinhos of chronicles of the book *If I could survive my life again*, a narrative that crosses the life of Rubem Alves, his memories and his written-orality. In this way, it is by his words themselves that his history will be told. Our interference was in the cutting out of the odds and ends and in the sewing as a whole. We devote ourselves from the beginning to a writing that was sounding get a beating. A writing that is fitted in the slants of the academy, but that is loaded of a poetic intention. We believe that Rubem Alves, with the whole his poetry, deserves to be treated with gentleness and release of so many formalities.

Keywords: Alves, Rubem, 1933-2014 - Criticism and interpretation. Autobiography in literature. Orality in literature. *Se eu pudesse viver minha vida novamente* - Criticism and interpretation.

SUMÁRIO

| | | |
|----------|---|-----------|
| 1 | UM POUCO DE PROSA... | 12 |
| 2 | BIOGRAFIA DE UM SUBVERSIVO: A VIDA DE RUBEM ALVES NAS ENTRELINHAS DO LIVRO | 15 |
| 3 | NO PRINCÍPIO ERA O VERBO | 26 |
| 4 | ERA UMA VEZ O ANTIGAMENTE | 34 |
| 5 | PARA ENCURTAR A CONVERSA... | 41 |
| | REFERÊNCIAS | 43 |

1 UM POUCO DE PROSA...

Uma colcha de retalhos, por mais que seja feita de muitos pedacinhos é um objeto só. Da junção dos quadrados forma-se um quadrado muito maior. Cada parte é importante para a construção do todo. Sem qualquer uma das partes formar-se-ia um rombo na colcha, o que geraria uma incompletude.

Iniciamos falando da importância dos pedaços para a construção de um todo, pois metaforicamente assumimos que este trabalho é resultado da junção de muitos pedaços. Ao longo da escrita do mesmo fomos catando aqueles fragmentos que se mostraram indispensáveis para a construção do que agora temos como uma colcha completa.

Trazemos aqui os resultados da nossa pesquisa a respeito da obra *Se eu pudesse viver minha vida novamente*. Trata-se de uma coletânea de crônicas autobiográficas escritas pelo autor brasileiro Rubem Alves. Nela o leitor conhecerá as memórias da infância, a vida e a velhice do autor. A edição analisada é do ano 2004, publicada pela Verus editora e organizada por Raíssa Castro.

O livro está dividido em duas partes: *Se eu pudesse...* e *... Viver minha vida novamente*. Cada uma delas com 14 crônicas. Na primeira parte tem-se por subtítulo *Sobre a nostalgia, sonhos, perdas e ganhos* e na segunda, *Sobre os detalhes que fazem toda diferença*.

O gênero literário “crônica” é conhecido por tratar de acontecimentos do dia-a-dia de quem escreve. Os personagens, na maioria das vezes, são os próprios autores e seus conhecidos. O tema pode ser qualquer um. No caso do livro estudado, todas as crônicas são escritas em primeira pessoa sendo o seu narrador o próprio Rubem Alves já na sua velhice, elas retratam a vida deste autor-narrador.

Neste trabalho sua história será contada pelas suas próprias palavras. A nossa interferência foi no recorte dos retalhos e na costura como um todo. Nos dedicamos desde o início a uma escrita que soasse leve. Uma escrita que se enquadre nos vieses da academia, mas que seja carregada de uma intenção poética. Acreditamos que

Rubem Alves, com toda a sua poesia, merece ser tratado com ternura e livre de tantas formalidades teóricas. Isto porque, embora saibamos da existência de textos acadêmicos que trazem para si a subjetividade de quem escreve – na área da Literatura isso é ainda mais comum-, sabemos também que são muitos os que ainda se fazem com uma escrita fechada em si mesma; textos estes que se tornam incompreensíveis aos que não têm acesso a esse tipo de escrita.

Por esse motivo decidimos que a nossa escrita seria simples, sem tantas formalidades: quisemos trazer poesia para o texto acadêmico costurando, com pedacinhos de crônicas do livro *Se eu pudesse viver minha vida novamente*, uma narrativa que atravessasse a vida de Rubem Alves. Para tanto, trouxemos a sua biografia, o seu modo de narrar - próximo à oralidade - e suas memórias.

Dividimos este trabalho em três partes: **Biografia de um subversivo**, **No princípio era o verbo** e **Era uma vez o antigamente**.

Começamos contando a sua biografia na qualidade de subversivo porque este foi um título que veio lá da época da ditadura, quando foi acusado pelos membros da igreja, mas não só por isso. A sua trajetória de vida subverteu muitos padrões. Rubem Alves foi pastor protestante, pianista, teólogo, professor de filosofia, psicanalista, cronista, escritor de literatura infantil e tantas outras coisas. Ele lutou poeticamente contra aquilo que não aceitava: o sistema educacional brasileiro, os dogmas da igreja protestante, a escrita acadêmica. Aos quarenta anos abdicou da academia para se dedicar à literatura. Viveu sua vida de modo a não se arrepender depois e deixou um legado para os que ficaram: mais de 160 livros publicados, inúmeros vídeos sobre filosofia, literatura, educação e religião (encontrados facilmente na plataforma online Youtube) e muito bom humor no dito e no escrito.

Em **Biografia de um subversivo** preferimos dispensar as citações externas. Tudo o que citamos são palavras do autor retiradas das crônicas de *Se eu pudesse viver minha vida novamente*. Apesar de as crônicas não contarem a biografia do autor de um modo alinhado – a primeira crônica, por exemplo, começa falando da velhice - fizemos recortes diversos até conseguirmos costurar uma só colcha.

A segunda parte intitula-se **No princípio era o verbo**, nela tratamos da oralidade presente na escrita das crônicas. Oralidade e escrita são conceitos que podem ser considerados antônimos, mas o que buscamos aqui foi conciliá-los. Pesquisamos a maneira como a oralidade pode – e deve – intrometer-se nas letras. Nas crônicas do livro é comum a presença desse narrar próximo da oralidade. Neste capítulo além dos pedaços de crônicas, trouxemos também outros autores. São eles: BAGNO (1999), BANDEIRA (1993), BENJAMIN (1985), CUNHA (2003) e HAMPATEBÁ (1990).

A última parte chama-se **Era uma vez o antigamente**. Nesta sessão dialogamos com as memórias do autor, pois em grande parte das crônicas de *Se eu pudesse viver minha vida novamente* – o próprio título já sugere – o autor relembra suas memórias para poder contar seus causos. Recortamos de suas crônicas os episódios que consideramos indispensáveis para a construção da narrativa deste capítulo. Recortamos também as menções que o autor faz à memória. Ao lermos sobre suas memórias passamos a conhecer a sua trajetória de vida e também um pouco da vida de seus familiares, cidades onde morou e alguns costumes desses lugares. Para tratar de memória, além dos trechos de Alves, referenciamos BOSI (1994) HALBWACHS (1990), PEREIRA (2013) e SILESIUS (apud Rubem Alves, 2004).

Este trabalho é importante, pois traz Rubem Alves para a academia novamente – lugar ao qual ele renunciou em vida. E, embora muitos outros trabalhos acadêmicos versem sobre suas ideias, este é inovador no sentido de trazer a biografia de Rubem Alves, seu modo de narrar e suas memórias fazendo valer o que ele foi: um subversivo. A leitura das crônicas de *Se eu pudesse viver minha vida novamente* nos trouxe a coragem que precisávamos para subverter a frieza do texto acadêmico. Suas palavras e as nossas se entrelaçaram poeticamente ao longo da escrita. Este foi o modo que encontramos de fazer jus ao seu nome e de subverter a frialdade da academia. Dizemos isto, pois a nossa escrita pode – e almeja – confundir-se com um ensaio. Gênero que foge à escrita acadêmica porque se confunde com a literária e porque nega certa ortodoxia. Não temos interesse em escrever para um grupo restrito de leitores – aqueles que já treinaram o seu olhar para o formal e que muitas vezes restringem as suas leituras ao texto científico – sem desprezá-los, desejamos ampliar o nosso público. Adorno no seu texto *O ensaio como forma* critica essa escrita fechada e coloca o ensaio numa condição de heresia, justamente por não se enquadrar na

fixidez do método. A escrita ensaísta é leve, expressa a sua subjetividade e não tem medo de parecer destoante do que é dado como certo: "a lei formal mais profunda do ensaio é a heresia. Apenas a infração à ortodoxia do pensamento torna visível, na coisa, aquilo que a finalidade objetiva da ortodoxia procurava, secretamente, manter invisível" (ADORNO, 2003, p. 45). E é essa a escrita que nos encanta e foi ela que trouxemos para o texto.

2 BIOGRAFIA DE UM SUBVERSIVO: A VIDA DE RUBEM ALVES NAS ENTRELINHAS DO LIVRO

A vida aqui descrita é a de um subversivo e, embora textos acadêmicos dispensem o uso de adjetivos, é da vida do próprio Rubem Alves que advém essa qualificação. Alcinha que ganhou durante a ditadura militar por pregar um conceito de "Deus" que destoava da visão protestante da época.

Na obra pesquisada o autor não se preocupou em traçar uma linha reta para contar a história da sua vida, então não seremos nós quem a faremos. Assim, subversivamente, fizemos uma mistura de vida e obra, colocando aqui trechos do livro que retratam sua biografia e também trechos que demonstram algumas ideias subversivas que encontramos no livro. Apresentamos sua trajetória de vida baseados em informações do site Instituto Rubem Alves¹, bem como usamos retalhos das crônicas de *Se eu pudesse viver minha vida novamente*.

O livro é composto por 28 crônicas e todas elas falam sobre sua vida, para não correr o risco de nos tornarmos exaustivos – e alinhados em demasia – não citaremos todas elas, apenas aquelas que podem compor um mosaico, uma colcha de retalho da vida de Rubem Alves, homem de muitos títulos, entre eles: pianista, psicanalista, padre, teólogo, professor de filosofia, pedagogo e - não podemos deixar de lembrar – subversivo.

¹ Site do Instituto: Rubem Alves <https://institutorubemalves.org.br/biografia/> acessado em 13/03/2019

Usaremos trechos do livro em questão para fazer emergir os traços autobiográficos por trás de sua narrativa.

Rubem Alves nos conta que tudo o que conseguiu não foi planejado. Ele seguiu o fluxo da vida e chegou em lugares onde jamais sonhara:

Cheguei onde estou por caminhos que não planejei. É um lugar feliz com o qual nunca sonhei. Nunca me passou pela ideia que eu viria a ser escritor. E, em especial, que escreveria histórias para crianças – e que as crianças as amariam (e me amariam por causa delas...). (ALVES, 2004, p. 14).

Rubem Alves vem de uma família que praticava o protestantismo. Quando criança, percebia a diferença entre os costumes religiosos de sua família e dos seus vizinhos católicos: “Menino, lá em Minas, havia uma coisa, uma única coisa, que eu invejava nos católicos: no Natal, eles armavam presépios, e nós, protestantes, tínhamos árvores de Natal. Mas as árvores, por bonitas que fossem, não me comoviam como o presépio... (ALVES, 2004, p. 136)”. Nessa época, nos conta, “as casas ficavam abertas para quem quisesse se juntar aos reis, pastores e bichos. E nós, meninos, pés descalços – os sapatos só eram usados em ocasiões especiais –, peregrinávamos de casa em casa, para ver a mesma cena repetida (ALVES, 2004, p. 136)”.

Seu pai fora um fazendeiro de muitas posses, mas faliu após a crise de 29. Rubem Alves, nascido em 15 setembro de 1933, não conheceu a fase de riqueza do seu pai. Ele nasceu na roça. Morou em casa de pau a pique e conheceu a pobreza. Depois se mudou para a cidade, mas sempre morando nos interiores de Minas:

Depois nos mudamos da roça para uma cidade. Primeiro, Lambari. Depois, Três Corações. Em Três Corações morávamos numa minúscula casa que tinha um minúsculo alpendre, uma minúscula sala de jantar, dois minúsculos quartos, um minúsculo banheiro e uma minúscula cozinha... Acho que foi construída para sete anões... (ALVES, 2004, p. 35).

O pai dele se mudava em busca de melhores trabalhos e ele e sua mãe os acompanhavam:

Depois nos mudamos para Varginha, cidade maior. A marcação do tempo mudou. Não mais íamos para a cama depois da janta, porque o trem de ferro passava bem defronte da nossa casa, guinchando trilhos, resfolegando e vomitando milhares de fagulhas. Era o trem das oito. Muito antes que ele aparecesse na curva, a gente sabia que ele estava chegando, porque vinha

apitando. Era um trem alegre porque nele vinha o meu pai voltando de suas viagens. A noite passou a ser um escuro feliz. Barulho, apito e fagulhas: tudo era alegria. (ALVES, 2004, p. 37).

Aos doze anos, Rubem Alves foi morar no Rio de Janeiro. Com melhores condições financeiras, seu pai o colocou para estudar numa escola famosa. Adolescente, teve que lidar com o *bullying* por ter um sotaque “caipira” e ser menino do interior. Devido a essa exclusão buscou refúgio nos livros sobre teologia. Em 1948 se filiou a Igreja protestante e nesse mesmo ano começou a estudar piano. Aos 19 anos foi morar em Campinas. Lá, cursou bacharelado em Teologia. Após concluir o curso, voltou para Minas Gerais, em Lavras, onde trabalhou como pastor de uma comunidade presbiteriana e também como professor de Filosofia. Nesse mesmo lugar, passou a morar com sua então esposa, Lídia, com quem teve seu primeiro filho.

A Igreja que Rubem Alves frequentava, como a maioria das Igrejas, pregava a existência de um Deus que castiga todos os que não seguem aquilo que Ele considera correto. Pregava-se também a divisão entre céu e inferno. O céu como o lugar onde ficarão as pessoas que seguiam um comportamento esperado por esse Deus e no inferno os pecadores, os que desviavam do comportamento ideal. No primeiro lugar, a vida eterna de paz e amor está garantida, já no segundo espera-se uma vida de sofrimento eterno. Rubem Alves discordava dessa ideia:

Do inferno nunca tive medo. Talvez tenha sido essa a razão por que nunca consegui ser ortodoxo. Pois o fato é que o inferno é a base sobre a qual a teologia cristã se construiu – exceção feita aos místicos (...) Inconscientemente nunca acreditei que Deus pudesse lançar uma alma ao inferno por toda a eternidade. É crueldade demais! Eu não admitiria que um homem fizesse isso. Como poderia admitir que Deus o fizesse? E também nunca fui atraído pelas propaladas delícias do céu. Para dizer a verdade, não conheço nem uma pessoa que esteja ansiosa por deixar as pequenas alegrias desta vida para gozar eternamente a felicidade celestial perfeita. (ALVES, 2004, p. 18).

Ele não acreditava num Deus que castiga “os maus” e beneficia “os bons”:

Muitas pessoas acreditam assim. Elas acham que as pessoas sofrem porque Deus quer. A criancinha com câncer, o jovem adolescente que morre num desastre de carro, a pessoa que é assassinada por um assaltante, as enchentes e terremotos que tiram a vida de milhares – tudo isso Deus poderia ter evitado se ele tivesse querido. Confesso a você que, se eu acreditasse num Deus assim, se eu acreditasse num Deus que tem prazer no sofrimento das pessoas, eu o odiaria do mais profundo do meu coração. (ALVES, 2004, p. 98).

Para o autor, Deus não se preocupa em castigar e dar prêmios a uns e outros. Para ele, a vida é como uma grande roleta:

Há probabilidades infinitas à nossa espera. Coisas boas, coisas más. De vez em quando acontece uma coisa boa. De vez em quando acontece uma coisa ruim. Quem é responsável? Ninguém. A roleta é cega. Não foi “Alguém”, invisível, que fez com que a coisa ruim ou a coisa boa acontecesse. Foi um puro acidente – sem razões, sem explicações. Viver é estar jogando esta roleta, sem fim. É sempre possível que algo terrível me aconteça. Se acontecer, eu sofrerei. Mas não culparei ninguém. Sofrerei sem revolta, sabendo que Deus é inocente. (ALVES, 2004, p. 98).

Na crônica “conversas ao redor do fogão”, Alves (2004, pp. 39, 40) cria uma metáfora sobre a sala de visitas e a cozinha. A primeira para conversas “dentro dos limites de uma etiqueta silenciosa que todos respeitavam” e a segunda “lugar dos amigos (...) Ali as pessoas se assentavam à roda do fogão, e o corpo se libertava das regras da etiqueta”. Nessa metáfora, a sala de visitas é um lugar reservado, lugar das aparências. Já a cozinha, é um lugar de intimidade, livre de “cerimonias”. Ele compara esses lugares com a teologia:

Na teologia da sala de visitas se falam as coisas respeitáveis sobre os mistérios de Deus, sobre os imperativos da ética, sobre as realidades da política. Como jogadores de xadrez, os participantes parecem absorvidos numa batalha – e por vezes os confrontos são ferozes, ao ponto do famoso “ódio teológico”. Mas as contradições de superfície escondem um acordo silencioso sobre as regras do jogo. Não se pode falar nem sobre os cheiros que vêm da cozinha, nem sobre os gemidos surdos de dor ou de prazer que se ouvem, nem sobre os embaraçosos tropeços que acontecem, vez por outra. (ALVES, 2004, p.42)

O subversivo Rubem Alves, evidentemente, não se encaixou na teologia da sala de visitas:

Cansei-me da teologia da sala de visitas e moro agora na cozinha (...) o fato é que todos os teólogos da cozinha têm sido estigmatizados com as marcas da heresia. E é triste contemplar o espetáculo dos teólogos da cozinha batendo nas portas da sala de visitas, pedindo por favor que se lhes abram as portas porque eles sabem jogar xadrez de acordo com as regras. Isso eu não faço mais. Se o pessoal da sala de visitas quiser entrar até a cozinha, aceitar ser seduzido pelos cheiros e gostos, concordar em beber um pouco de vinho, permitir-se ser levado pela loucura do Espírito (em inglês – deliciosa revelação semântica –, as bebidas alcoólicas têm o nome de *spirits...*), então poderemos conversar. (ALVES, 2004, pp. 42,43)

Aproveitando a metáfora da sala de visitas, o autor metáforiza o ato de comer “caquis”. Ato que, segundo ele, não acontece na sala de visitas porque lá é impensável se lambuzar e correr o risco de parecer com uma criança:

Na cozinha também se comem os caquis, coisa impensável na sala de visitas (...) tratei de fazer um ensaio de teologia comestível com o título “Sobre deuses e caquis”. Alguns comeram e gostaram. Outros comeram e não gostaram. Disseram que caqui não combina com a gravidade do Ser divino. Alegaram que eu não levava Deus a sério. Levo Deus muito a sério. Mas não levo a sério este caqui delicioso que se chama teologia. Se eu tivesse falado sobre as chagas de Cristo, tudo estaria bem. Feridas são respeitáveis; combinam com o Ser divino. Penso diferente. Quem é grave é o diabo. Ele se sente bem na sala de visitas. Mas Deus é Espírito, leve, faz todas as coisas voarem e dançarem. (ALVES, 2004, p. 44)

E, se quisermos compreender o Deus de Rubem Alves “É preciso que nos assentemos juntos ao redor do fogo para ali falar sobre o fogo que queima dentro dos corpos que a sala de visitas congelou (ALVES, 2004, p. 45)”.

Um clérigo pensando ao contrário, esse seria o perfil de Rubem Alves nos momentos em que atuou como pastor. Suas ideias não cabiam nas “caixinhas” da igreja Presbiteriana. Um formador de ideias como ele não era bem vindo àquele lugar. A roleta da vida o levou então a lugares que ele não teria chegado se tivesse seguido a doutrina que conheceu na igreja:

Fui pastor protestante e é provável que, se tudo tivesse acontecido nos conformes, eu hoje fosse um clérigo velho. Mas veio o golpe militar, fui acusado de subversivo pelas zelosas e bondosas autoridades da Igreja... Tive de me mudar para os Estados Unidos com a minha família – o que foi ótimo para todos nós. Fiz meu doutoramento, fiz amigos novos, viajei, conheci lugares, acampeei, tive tempo para ler e pensar. (ALVES, 2004, p. 14).

Dois anos depois foi morar nos Estados Unidos junto com a sua família, lugar onde fez o seu doutoramento em Filosofia. Em 1968 retorna ao Brasil, após um período de desemprego começa a atuar, em 1969, como professor universitário.

No final de 1975, aconteceu algo que mudou a sua vida e escrita para sempre: o nascimento de sua filha Raquel. Ela nasceu com o lábio leporino e fissura palatal e esse foi o acontecimento que marcou o início de um novo Rubem Alves: alguém que se dedicaria a escrita literária deixando de lado as formalidades da academia. Sobre isso, ele nos informa:

O mundo universitário que me cercava me amedrontava. Por prudência optei pelo silêncio. Aí, de repente, uma criança entrou na minha vida, tardiamente. Uma filha temporã. Foi ela que me fez ter coragem (...) Foi a criança que me deu coragem para que eu deixasse que o inventor de estórias que em mim vivia calado pelo medo, falasse. Estória, não histórias, contrariando assim dicionários e revisores. O mundo dos escritores não é o mundo dos gramáticos. (ALVES, 2004, pp. 148, 149)

Em 1990 ele se aposentou da academia e passou a se dedicar à carreira de psicanalista e escritor. Em 1995 divorciou-se de Lídia e iniciou um relacionamento, o qual durou 14 anos, com Thaís. Nesse período participou de inúmeras palestras nacionais e internacionais sobre educação. Passou a se dedicar cada vez mais à temática da educação e à literatura. Escrevia livros e crônicas para jornais.

O incentivo para a escrita literária fora a filha e ele não parou mais. Esse autor de mais de 160 títulos nos diz que:

As estórias são flores que a imaginação faz crescer no lugar da dor. Minhas estórias cresceram das dores da minha filha, que eram minhas próprias dores. Por isso disse que comecei a escrever porque ela precisava delas, das estórias. Curar a dor, isso elas não podem fazer. Mas podem transfigurá-la. A imaginação é a artista que transforma o sofrimento em beleza. E a beleza torna a dor suportável. Por isso escrevo estórias: para realizar a alquimia de transformar dor em flor. Minhas estórias são as minhas poções mágicas... Não há contraindicações nem é preciso receitas... (ALVES, 2004, p.153)

O menino dos pés descalços tornou-se um velho muito respeitado e lembrado até hoje por aqueles que acreditam numa educação que subverte os padrões impostos por uma sociedade conservadora.

Sua visão sobre educação também aparece nas crônicas de *Se eu pudesse viver minha vida novamente*. Para ele: “Escola é máquina de destruir crianças. Nas escolas as crianças são transformadas em adultos. É isto que todos os pais querem: que seus filhos sejam adultos produtivos. Como ficam felizes quando eles passam no vestibular! (ALVES, 2004, p. 29)”.

Se dependesse dele, apenas as crianças poderiam ser mestres, pois são genuinamente sábias e ainda não estão enfeitiçadas pelas escolas:

E você me pergunta, então, onde está a escola em que se ensina essa sabedoria esquecida... Não, não há escolas para isso. Todas as escolas só

nos ensinam a ser ferramentas. Será preciso que você procure mestres que ainda não foram enfeitados por elas. Você deve procurar as crianças. Somente elas têm o poder para quebrar o feitiço que o está matando ainda em vida. (ALVES, 2004, p. 57).

Ele reclama do sistema educacional que nos priva de conhecer coisas que seriam úteis para a nossa alma. Esse sistema que nos enxerga, muitas vezes, como ferramentas e não incentiva o nosso potencial artístico: “Que lamentável falha em nosso sistema educativo, em que o prazer da poesia não se encontre entre as exigências para se ingressar na universidade! (ALVES, 2004, p. 85)”.

Em outro momento, Alves fala ironicamente sobre a seriedade dos professores universitários. Ele ri do sério, faz piada porque agora que é “inventor de estórias” não precisa mais se comportar assim: “palhaços e professores universitários não convivem bem (...) Palhaços são leves, flutuam; professores universitários são graves, afundam. É proibido fazer humor em teses de mestrado e doutorado (ALVES, 2004, p. 113)”.

Esse educador subversivo não construiu a sua carreira de maneira calculada. Sobre isso ele nos diz:

As pontes que construía para chegar aonde eu queria ruíam uma após a outra. Eu era então obrigado a procurar caminhos não pensados. E aconteceu, por vezes, que nem mesmo segui, por vontade própria, os caminhos alternativos à minha frente. Escorreguei. A vida me empurrou. Fui literalmente obrigado a fazer o que não queria. (ALVES, 2004, p. 13).

Ao tentar ser pianista, por exemplo, sentiu-se um fracassado. Pois, mesmo conseguindo a habilitação para ser professor de piano, não sentia como se aquela arte fizesse parte da sua essência:

Lutei muito para ser pianista. Trabalhei duro, horas e horas por dia. Se tivesse dado certo, eu seria hoje um pianista medíocre. Pianista bom não precisa fazer força. É dom de Deus, como é o caso do Nelson Freire. A diferença entre nós é que, enquanto eu tentava colocar dentro de mim um piano que estava fora, o problema do Nelson era colocar para fora um piano que morava dentro dele desde o nascimento. (ALVES, 2004, p. 14)

Para o seu contentamento, descobriu uma outra arte – a literatura – e assim pôde dar continuidade ao sonho de fazer música, mas dessa vez, com as palavras:

Para mim, o piano nunca passaria de uma prótese. Mas, para o Nelson, o piano é uma expansão do seu corpo. Foi preciso que eu fracassasse como pianista para que o escritor que morava dentro de mim aparecesse. Assim, comecei a fazer música com palavras, acho que com a mesma facilidade com que o Nelson toca piano. (ALVES, 2004, p. 14).

É pela literatura também que o teólogo se apresenta. De um modo poético e nada ortodoxo, certamente:

Não escrevo teologia. Como poderia escrever sobre Deus? O que faço é tentar pintar com palavras as minhas fantasias – imagens modeladas pelo desejo – diante do assombro que é a vida. Se o Grande Mistério, vez por outra, faz ouvir a sua música nos interstícios silenciosos das minhas palavras, isso não é mérito meu. É graça. Esse é o mistério da literatura: a música que se faz ouvir, independentemente das intenções de quem escreve. (ALVES, 2004, p. 23).

Ao dito e ao escrito temos acesso, mas muitas coisas não teremos jamais, pois ficaram na imaginação do autor. Ele disse: “fiz literatura pensando, escrevi livros na imaginação que nunca escrevi no papel (ALVES, 2004, p. 143)”.

Música e teologia estão presentes na literatura de Rubem Alves, mas não só, a psicanálise também aparece intrínseca em suas letras: “Primeira lição da psicanálise: se você quiser descobrir segredos, preste atenção nas coisas pequenas, aquelas coisas que ninguém nota. É nelas que se revelam os segredos (ALVES, Rubens, 2004, p.116)”. Em outro momento, ao responder uma carta da leitora Lurdes, ele diz:

Você sabe que eu sou psicanalista e vivo andando pelos caminhos da alma. E há uma pergunta para a qual não consigo encontrar resposta: Onde se encontram as fontes da alegria? Alguns acham que elas se encontram nas experiências infantis, que somos alegres ou tristes por causa das coisas que outros nos fizeram, quando éramos crianças. Eu não acredito nisso não. Acho que as fontes da alegria não se encontram no tempo. Acho que as fontes da alegria não são administradas pelo pai ou pela mãe. Minha suspeita é que elas se encontram na eternidade. (ALVES, 2004, p. 130).

Na crônica sobre a cozinha e a sala de visitas, além da teologia, aparece também uma referência à psicanálise:

Quem quer que tivesse inventado essa divisão do espaço da casa conhecia os segredos dos espaços do corpo. Pois a casa é uma extensão do corpo. Quem entra dentro de uma casa, entra dentro de um corpo. Os construtores das velhas casas sabiam das coisas da psicanálise. Pois ela diz que o corpo é assim. Tem uma sala de visitas luminosa onde qualquer um pode entrar.

Só que, saindo-se dela, vai-se de novo para a praça pública. (ALVES, 2004, p. 41).

A Filosofia também é convidada a entrar no jogo: “Os detalhes arquitetônicos podiam variar: havia casas ricas e casas pobres. Mas a filosofia da sala de visitas era sempre a mesma: mostrar o mínimo, elegantemente. O resto da casa – a vida que nela havia – tinha que ficar protegido (ALVES, 2004, p. 40)”.

A filosofia apareceu para o autor desde antes de se tornar professor da matéria. Ela apareceu enquanto ensinamento, ainda quando criança:

eu ficava olhando para as nuvens e não via as nuvens: via navios, bichos, rostos, monstros. As nuvens me ensinaram minha primeira lição de filosofia. Elas me ensinaram a filosofia de Heráclito: “Tudo flui, nada permanece”. “Sou e não sou no que estou sendo” (Cecília). Todo ser é um permanente deixar de ser. A vida acontece morrendo. Como o rio. Como a chama. (ALVES, 2004, p. 122).

A literatura foi a arma que encontrou para lutar contra as feiuras do mundo. Preferiu falar de alegrias a falar de tristezas. Preferiu falar de um Deus de amor a ter que falar sobre um Deus de terror. Encontrou no poema a música que não encontrara no piano. Encontrou na poesia sua maneira de lutar contra as injustiças do mundo:

Eu me atrevi a falar sobre as árvores e fiz silêncio sobre os ossos secos. Isso me condenou a anos de solidão. Mas, se falei sobre árvores é porque acredito que são os poemas sobre árvores que ressuscitam os ossos secos espalhados no deserto. Visões de ossos secos não têm poder para dar vida aos ossos secos... Imaginei uma política que nascesse da beleza (...) Guerreiros ternos. Guerreiros que leem poesia. Guerreiros que brincam como crianças... (ALVES, 2004, p. 21).

Na sua velhice recordou a sua vida e reencontrou a sua criança interna: “Somente na velhice nos reencontramos com a infância, com a nossa infância. Creio que essas coisas que escrevo são uma tentativa de recuperar a felicidade perdida da minha infância (ALVES, 2004, p. 25)”.

Muitas vezes acreditamos que quando ficarmos velhos não teremos mais o que fazer e por conta disso, face a face com o tédio, deixaremos de lado a alegria de sermos quem somos. Mas para ele a velhice não é um momento infeliz, só porque deixamos

de ter coisas para fazer, pelo contrário, é essa falta do que fazer que torna a vida do velho mais interessante:

A nossa vida começa justamente com o advento da inutilidade. Pois o momento da inutilidade marca o início da vida de gozo. Nada mais preciso fazer. Travei as batalhas que tinha de travar. Nada devo a ninguém. Estou livre agora para me entregar ao deleite. (ALVES, 2004, p. 56).

O autor continuou subversivo inclusive na sua velhice. Ele sugeriu uma mudança no modo como comemoramos os aniversários, pois cada novo aniversário é um ano de vida a menos. Desse modo, é preferível parar de comemorar os anos que já se passaram, os quais são representados no número de/das velas que ficam sobre o bolo:

Tempos atrás eu sugeri que se fizesse uma mudança na liturgia que marca a passagem dos anos da vida de uma pessoa, que não mais se apagassem as velinhas, como se a morte dos anos passados fosse coisa a ser celebrada, mas que se acendesse uma única vela, na esperança de um futuro semelhante ao da vela, de luz e tranquilidade. (ALVES, 2004, p. 65).

Do passado restam apenas as recordações, não podemos mudá-lo. Não há como voltar no tempo e aproveitar aquilo que naquela época nem sequer sabíamos que amaríamos mais para a frente. O escritor lamenta:

Os desencontros da vida fizeram com que eu só descobrisse a poesia ao entardecer. Quantos poemas eu não li! Mas agora o tempo não dá. Sinto inveja de Murilo Mendes. Ao lê-lo, tenho vislumbres dos poemas que ele leu e eu nunca lerei, dos quadros que ele viu e eu nunca verei. Sinto a mesma coisa lendo Bachelard. Homens afortunados, encontraram-se com a poesia quando eram ainda crianças! (ALVES, 2004, p. 85).

Algumas vezes o tom melancólico toma conta da narrativa. É que o velho se dá conta da fragilidade da vida, não só da sua. Se dá conta de que o tempo leva todas as coisas: “Eu acho que essa tristeza crepuscular é mais que uma perturbação psicológica. Acho que ela tem a ver com a sensibilidade perante a dimensão trágica da vida. A vida é trágica porque tudo o que a gente ama vai mergulhando no rio do tempo (ALVES, 2004, p. 94)”. Como não se tornar melancólico sabendo que “Todo ser é um permanente deixar de ser. A vida acontece morrendo. Como o rio. Como a chama (ALVES, 2004, p. 122)”?

A vida de Rubem Alves foi muito mais vasta do que pudemos explanar nessa breve biografia. Após a leitura do capítulo em questão esperamos ter conseguido evidenciar duas certezas. A primeira: a vida deste homem não seguiu uma linha reta, não se baseou em planejamentos: “Eu nunca consegui chegar a lugar algum usando remos. Sempre fui levado por uma força mais forte que a minha razão a praias com que nunca havia sonhado. Foi assim que me tornei escritor, porque o mar foi mais forte que o meu plano de viagem (ALVES, 2004, p. 125)”. A segunda certeza é a de que apesar de tantos tropeços, de tantos desencontros sua vida fluiu feliz: “Plantei árvores, tive filhos, escrevi livros, tenho muitos amigos e, sobretudo, gosto de brincar. Que mais posso desejar? Se eu pudesse viver minha vida novamente, eu a viveria como a vivi porque estou feliz onde estou (ALVES, 2004, p. 15)”.

O subversivo em questão faleceu no dia 19 de julho de 2014 por falência múltipla dos órgãos, com 80 anos. Pouco menos de dois anos antes de partir, fundou em Campinas o Instituto Rubem Alves, garantindo assim uma herança para a posteridade:

E é isto que desejo deixar aos meus filhos como herança: a imagem da vela que queima na solidão silenciosa, sem se deixar perturbar pela loucura barulhenta e apressada dos homens de ação e sucesso; sob a luz da vela, no gozo da tranquilidade solitária, acordar o poeta que dorme em nós. O que não é garantia de felicidade. Mas é garantia de beleza e de serenidade. E que coisa mais pode alguém desejar receber como herança? (ALVES, 2004, p. 68).

Rubem Alves partiu, mas continua fazendo-se presente na herança que deixou. Ainda que não saibamos o que vem depois da morte, temos que concordar que alguns, mesmo não estando mais fisicamente entre os viventes, tornam-se eternos por aquilo que deixaram.

Encerrada a biografia partiremos para o verbo. A sessão que se segue é um remendo de pedaços de crônicas com alguns estudos sobre oralidade.

3 NO PRINCÍPIO ERA O VERBO

Quando os homens ainda não tinham codificado as suas línguas, o que havia, senão, o verbo? É a partir da palavra que tudo se cria e se transforma, pois a palavra é o próprio homem – representante de Deus na terra.

Nas sociedades orais que não apenas a função da memória é mais desenvolvida, mas também a ligação entre o homem e a Palavra é mais forte. Lá onde não existe a escrita o homem está ligado a palavra que profere. Está comprometido por ela. Ele é a palavra, e a palavra encerra um testemunho daquilo que ele é. (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 168).

HAMPATÉ BA (2010), baseado nos seus conhecimentos sobre as vivências dos povos da savana ao sul do Saara, nos fala sobre a importância da palavra para os integrantes do Komo – uma das grandes escolas de iniciação do Mande (Mali). Essa tradição “ensina que a Palavra, *Kuma*, é uma força fundamental que emana do próprio Ser Supremo, *Maa Ngala*, criador de todas as coisas. Ela é o instrumento da criação: ‘Aquilo que *Maa Ngla* diz, é!’ (p. 170, grifo do autor)”.

O homem, enquanto criação de *Maa Ngala*, é, pois, “síntese de tudo o que existe, receptáculo por excelência da Força suprema e confluência de todas as forças existentes, *Maa*, o homem, recebeu de herança uma parte do poder criador divino, o dom da Mente e da Palavra (HAMPATÉ, BA, 2010, p. 171, grifo do autor)”.

Para Rubem Alves não é diferente. A palavra para ele é dotada de um valor que transcende a escritura:

O feiticeiro é aquele que diz uma palavra e, pelo puro poder dessa palavra, sem o auxílio das mãos, o dito acontece. Deus é o feiticeiro-mor: falou e o universo foi criado. Os poetas são os aprendizes de feiticeiro. O desejo que move os poetas não é ensinar, esclarecer, interpretar. Essas são coisas da razão. O seu desejo é mágico: fazer soar de novo a melodia esquecida. Mas isso só acontece pelo poder do sangue do coração humano. (ALVES, 2004, pp. 23, 24).

A magia da palavra deve ser usada de maneira que aqueles que a recebam possam ser beneficiados de algum modo. Talvez, por isso, Walter Benjamin nos diga que a natureza da verdadeira narrativa é “uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num

provérbio ou uma norma de vida – de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos (BENJAMIN, 1985, p. 200)”. Alves não foge dessa característica, ele fala diretamente com o leitor, lhe dando conselhos de vida, como quando negou a perspectiva de que não servimos mais quando ficamos velhos:

Chegou o momento da inutilidade, e é isso que você não suporta, pois lhe ensinaram (e você acreditou) que os homens e as mulheres são como as ferramentas, que só valem enquanto forem úteis (...) Se há uma lição a ser aprendida desses textos, lição que você deve aprender com toda a atenção – esquecendo-se de tudo o mais que lhe ensinaram – é que não somos como serrotes, enxadas, alicates, fósforos e lâmpadas que, uma vez sem o que fazer, são jogados fora (...) entregue-se sem vergonha e sem sentimento de culpa, às delícias do ócio. Aprenda a andar sem ter que chegar a lugar algum, simplesmente gozando o mundo que nos cerca. ALVES, Rubens, 2004, pp. 55, 56. 57)

Se Rubem Alves aconselha seus leitores – ouvintes – é por ter a consciência de ser um homem vivido. É baseado nas experiências de vida que ele se expressa, cabendo aos leitores-ouvintes acatarem, ou não, os seus conselhos. BENJAMIN (1985, p. 205) nos diz que “a narrativa (...) não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada como uma informação ou relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele”. E, longe de transmitir “o puro em si”, a narrativa de Rubem Alves entrelaça vida e texto. Ele mesmo disse: “tudo o que escrevo é sempre uma meditação sobre mim mesmo (ALVES, 2004, p. 17)”.

Seu narrador é como um daqueles avós que contam seus causos para uma roda de netos. Como netos, somos guiados pelos olhos – que substituem os ouvidos – passando a fazer parte da intimidade de alguém que se despe diante do leitor para contar seus medos infantis:

Lembro-me de que, numa dessas noites, eu chorava baixinho. Chorava de angústia. Minha mãe ouviu o meu choro e veio assentar-se ao meu lado para saber o que me fazia sofrer. Expus-lhe, então, a minha aflição. “Mãe, quando eu crescer, como é que vou fazer para arranjar uma mulher?” “Mãe, quando eu crescer como é que vou fazer para ganhar a vida?” (ALVES, 2004, p. 37).

O velho narra sobre seu tempo de criança iniciando a história com a expressão “quando eu era menino”, mas caberia também “antigamente”, “no meu tempo”. Esses chavões são típicos da narrativa oral. Servem para marcar um tempo que está distante do momento em que se conta:

Quando eu era menino, a diversão da gente era ir à matinê aos domingos, para o faroeste. O mocinho, com aqueles revólveres pendurados na cintura! Que inveja! Bem que eu gostaria de ter cinturão de mocinho com revólver no coldre. Assim, quando eu fosse andando pela rua, todo mundo me olharia com medo e respeito. (ALVES, 2004, p. 72).

E quem escreveria “revólveres”, senão aquele que está ciente do poder da palavra oral, com todas as suas possibilidades criativas, que a gramática normativa despreza? Não é à toa que numa das crônicas do livro ele afirma:

Não posso falar de Minas usando as palavras dos gramáticos. A gramática da gente mineira é outra que não a dos livros. A língua é coisa marota. As palavras não param de mexer. E se põem a dançar de um jeito que os livros proibem. Os gramáticos ficam bravos. Não sabem o que fazer com a língua viva porque o seu trabalho é, precisamente, mumificar as palavras, para que elas não se mexam. Trabalho inútil. As palavras não obedecem. Elas são como as crianças. Não ficam quietas. São malcomportadas. (ALVES, 2004, p. 76).

Rubem Alves usa um tom irônico para contestar a ideia de que a língua – nesse caso o português brasileiro – é uma só. Ele tira sarro de quem pensa assim. Porque, se quem pensa assim acha que pode rir da língua do povo, Alves (que veio do povo) usa do mesmo recurso – o escárnio - para criticá-los:

Tem um erro de gramática que me dá arrepios. Quando eu ouço as pessoas dizendo: “Ele pediu pra mim ir lá...”; ou: “Quero silêncio pra mim dormir”, eu penso que o Tarzã se intrometeu demais no português, porque era o Tarzã que não falava “eu”: “Mim ama Jane, mim vai pescar...” Claro, esse era o Tarzã antigo, da roça. Os Tarzãs modernos **estudaram em Oxford, falam português escorreito, castiço, clássico**. Mas não tem jeito, e já me conformei. Onde já se viu “mim” fazer coisas? “Mim” não faz nada. Errado. **“Mim” faz coisas. O povo decretou. É o jeito do povo falar que faz a língua.** (ALVES, 2004, p. 77, grifo nosso).

Com isso concordaria Manoel Bandeira:

A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros/ Vinha da boca do povo na língua errada do povo/ Língua certa do povo/ Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil/ Ao passo que nós/ O que fazemos/ É macaquear/ A sintaxe lusíada (BANDEIRA, 1993, p. 135).

Marcos Bagno, ao teorizar sobre o preconceito linguístico, nos diz que este se trata de uma das faces do preconceito social. Por sermos uma sociedade dividida em classes sociais, o acesso que a população mais pobre tem à educação e ao capital cultural é muito precária, se comparada aos que possuem mais dinheiro. Desse modo,

o povo pobre além de sofrer com as desigualdades sociais, sofre também com o preconceito linguístico. Quando alguém ri do modo de falar do outro, está cometendo esse preconceito. Além disso, comete também um equívoco, pois a ideia de que a língua é uma só, é uma mentira:

O fato é que, como a ciência linguística moderna já provou e comprovou, não existe nenhuma língua no mundo que seja uniforme e homogênea. O monolingüismo é uma ficção. Toda e qualquer língua humana viva é, intrinsecamente e inevitavelmente, heterogênea, ou seja, apresenta variação em todos os seus níveis estruturais e em todos os seus níveis de uso social. (BAGNO, 1999, pp. 27, 28).

A língua que falamos se relaciona com as nossas origens. O Brasil, sendo um país tão extenso e tendo sido influenciado por línguas africanas, indígenas (nativas) e tantas outras influências trazidas por imigrantes, dificilmente teria uma língua única. Por isso Rubem Alves faz questão de reafirmar a sua língua mineira e a sua identidade roceira. Ele traz as marcas da oralidade do seu povo diretamente para o papel. Tomemos o exemplo abaixo:

Trem é palavra coringa. Serve pra tudo. “Tira esse *trem* daí...” Quem ouve entende. *Trem* é um objeto qualquer. Ou pode ser um conjunto de objetos. Por exemplo: as coisas que se possuem. “Vou guardar os meus *trem*...” [...] Eu vivia na roça. Na roça todos os *trem* eram de pau. Pau mesmo, e não madeira. Madeira é palavra de gente da cidade. Houve a idade da pedra lascada, a idade da pedra polida, a idade dos metais... Por que não a idade do pau? Pois devia. (ALVES, 2004, p. 77, grifo do autor).

A presença da oralidade também pode ser notada na maneira como a sintaxe é organizada. Como a narrativa tem caráter informal, é comum que a estrutura textual seja prolixa. Deste modo, para dizer algo simples, o autor – propositalmente – repete informações, criando algo que em linguística funcional é chamado de planos discursivos. Os planos do discurso são conhecidos como figura – ou primeiro plano – e fundo:

Por *figura* entende-se aquela porção do texto narrativo que apresenta a sequência temporal de eventos concluídos, pontuais, afirmativas, *realis*, sob a responsabilidade de um agente, que constitui a comunicação central. Já fundo corresponde à descrição de ações e eventos simultâneos à cadeia da figura, além das descrições de estados, da localização dos participantes da narrativa e dos comentários avaliativos. (CUNHA *et al*, 2003, p. 39.).

Na maior parte das crônicas, podemos encontrar um narrador que se prolonga nos detalhes, caprichando no plano de fundo. É o caso do trecho abaixo:

Meu pai era uma criança. As crianças verdadeiramente crianças ficam felizes por pouca coisa. É isso porque elas possuem o poder mágico de transformar aquilo que é nada em algo que é muito. Pelo poder da imaginação um cabo de vassoura se transforma num cavalo e uma caixa de sapatos vazia amarrada a um barbante é um carrinho. Pois assim era o meu pai: **ele sabia transformar nada em coisas boas.** (ALVES, 2004, p. 82, grifo nosso).

O autor poderia ter resumido o dito em “Meu pai era uma criança: ele sabia transformar nada em boas coisas”, porém optou por uma construção mais complexa, onde a repetição das palavras “pai”, “criança”, “coisa” e “transformação” reafirmam o quanto o pai dele se parecia com uma criança devido a capacidade de transformar uma coisa, aparentemente, inútil em outra utilitária.

Um outro exemplo da prolixidade do plano de fundo, pode ser encontrado na crônica *As laranjas*. Nela, o narrador nos conta sobre duas maneiras diferentes de chupar laranjas: de gomo ou de tampa. Ele relaciona a forma como se descasca essa fruta com a origem dos seus pais:

(...) **as origens da família do meu pai e da família de minha mãe se revelam no insignificante e banalíssimo ato de chupar laranja.** Ah! Vocês pensavam que uma laranja é simplesmente uma laranja! Não é, não. Laranjas do mesmo pé podem ser nobres ou plebeias. Depende do jeito como são comidas. **A família de minha mãe chupava laranja de gomo, a família do meu pai chupava laranja de tampa.** Você pode imaginar uma senhora da alta sociedade chupando laranja de tampa num jantar? Jamais! **Chupar laranja de tampa é coisa de plebeus:** a laranja enfiada entre os beíços e os dentes, comprimida pelas mãos para lhe extrair o caldo, as sementes enchendo a boca para serem cuspidas para o lado. Pode-se dizer que chupar laranja de tampa é gostoso e descontraído. Mas elegante é que não é (...) Todos da família da minha mãe comiam as laranjas de gomo. Curioso sobre esse costume, procurei explicações com a minha mãe. Ela me respondeu: “É para aproveitar melhor.” De fato, aproveita-se melhor. Mas eu não via razão para se aproveitar tanto quando as laranjeiras estavam cheias de laranjas que se perdiam, comidas pelos passarinhos e insetos e apodrecidas no chão. Não, não fazia sentido. Essa estória de “aproveitar melhor” só faz sentido quando laranjas são poucas e raras, frutas nobres e caras, possivelmente importadas... Mas lá no interior de Minas não se importavam laranjas, não eram raras nem eram caras. Havia um descompasso entre a abundância das laranjas e a necessidade de comê-las de sorte a aproveitar todas as suas garrafinhas. Se você não sabe, as garrafinhas de uma laranja são aquelas minúsculas gotas de caldo que compõem o gomo. Isso não era costume brasileiro. Era costume que vinha das cortes reais da Europa... Lá os nobres, ricos, comiam caras laranjas importadas, de gomo, elegantemente. O povo pobre não comia laranjas, talvez nem soubesse o que eram laranjas... Assim, **ao comerem as laranjas de gomo, os membros da família de minha mãe anunciavam suas origens nobres.** Na família do meu pai, ao contrário, todo mundo chupava

laranjas de tampa. Meu pai chegava a chupar 15 de uma vez, pendurando suas cascas inteiras no braço esquerdo para que fossem posteriormente usadas para acender fogo, em virtude de suas potências incendiárias. A família do meu pai nada tinha de nobreza. Era gente comum, sem etiquetas, e consta mesmo que havia índios, negros e mascates sírios nas suas origens. (ALVES, 2004, pp. 116, 117, 118, grifo nosso).

Suponhamos que o assunto das laranjas estivesse num texto acadêmico, tal linguagem não usaria tantas idas e vindas para dizer algo como: para saber as origens de uma pessoa, observe o modo como esta chupa laranjas. Se comê-las de tampa, sua origem é a plebe. Se comê-las de gomo, sua origem é nobre.

É como se houvesse uma intenção imbricada no texto: a de transformar uma coisa estática, fria – que é a palavra escrita – noutra coisa que possui vida e movimento – a palavra oral. Sabemos que antes da narrativa ter adentrado o mundo do papel – e agora também o virtual – ela era falada. As epopeias vieram da oralidade, a literatura de cordel também, para ficarmos apenas com dois exemplos.

A literatura subverte a frieza do texto porque ela não compactua com isso. Quem escreve imprime junto com o texto o que há de mais sutil em si mesmo. A literatura

é um processo de transformações alquímicas. O escritor transforma – ou, se preferirem uma palavra em desuso, usada pelos teólogos antigos, “o escritor transubstancia” – sua carne e o seu sangue em palavras e diz aos seus leitores: “Leiam! Comam! Bebam! Isso é a minha carne! Isso é o meu sangue!” (ALVES, 2004, p. 17).

Talvez por isso Rubem Alves, ao se tornar escritor, tenha decidido que “escreveria para as pessoas comuns”, deixando de lado a escrita acadêmica que requer certo rebuscamento gramatical:

Eu nunca imaginei que seria escritor. Não me preparei para isso. Conheço pouco da tradição literária. A literatura me chegou sem que eu esperasse, sem que eu preparasse o seu caminho. Chegou-me através de experiências de solidão e sofrimento. A solidão e o sofrimento me fizeram sensível à voz dos poetas. A decisão foi tomada depois de completar quarenta anos: não mais escreveria para os meus pares do mundo acadêmico, filósofos ou teólogos. Escreveria para as pessoas comuns. E que outra maneira existe de se comunicar com as pessoas comuns senão simplesmente dizer as palavras que o amor escolhe? (ALVES, 2004, pp. 22, 23).

Se Rubem Alves não tivesse tomado essa decisão, é provável que não receberia o reconhecimento das “pessoas comuns”, como recebeu o de Lurdes, uma de suas leitoras:

Rubem Alves, você escreve para a alegria de nossas almas. Alimenta quem os anos já embranqueceram os cabelos, a memória já esvaindo-se, mas com a sensibilidade à flor da pele. A crônica “Amar sem esperar retribuição”, referindo-se ao jogo das petecas, cativou-me... Tenho mais de oitenta anos, sou viúva, fiz cinquenta anos de casada e ainda tenho a peteca-lembrança, bem guardada... A princípio joga-se com o companheiro: paixão, risos, castelos, ilusões. Depois, já se derruba a peteca: briguinhas, ressentimentos; mas o jogo continua gostoso e atraente. A peteca cai, a gente ergue, e o jogo segue com pequenas interrupções. Então, um triste dia, o parceiro parte, e o jogo interrompe. Como fazer para continuar o jogo sozinho, sem o sabor do companheirismo? Dei uma solução: o jogo peteca-lembrança. Guardei-a numa caixa, amarrei-a com fita verde-esperança. Um dia, encontrarei o amado parceiro em outro degrau da vida e jogaremos eternamente, de mãos dadas. Assinado: Lurdes Camargo de Moura (ALVES, 2004, pp. 129, 130).

A carta escrita por ela foi publicada em uma crônica intitulada *O jogo peteca-lembrança*. Eis uma parte da resposta: “Lurdes! O que você escreveu fez bem para a minha alma! Corrijo-me: você fez bem à minha alma! (ALVES, 2004, p. 130)”. Se Rubem Alves tivesse passado a sua velhice se dedicando a escrita de relatórios e artigos acadêmicos, essa interlocução dificilmente teria acontecido. Suas crônicas alegraram a alma da leitora porque são escritas com “as palavras que o amor escolhe”, palavras estas que ultrapassam o papel e a tinta. É que na verdade, lá

No fundo o que se deseja é a imortalidade: continuar vivos naqueles que comem o que lhes oferecemos como herança. Mas só existe um jeito de dar ao outro aquilo que é a carne da gente: falando. Vejam só que coisa mais pobre: uma herança onde as coisas deixadas são palavras. (ALVES, 2004, p. 67)

E assim Rubem Alves se imortaliza no coração do leitor. Sua escrita não busca o efêmero. Sua escrita é sua carne e seu sangue. Num momento de antropofagia nos resta devorar os conselhos desse velho. E, caso desejemos perguntar como ele planejou sua vida para chegar onde chegou – tal qual fizera um aluno da UNICAMP numa entrevista citada na crônica *Se eu pudesse viver minha vida novamente* (ALVES, 2004, p. 13) – teremos uma resposta que talvez nos decepcione: “Eu estou onde estou porque todos os meus planos deram errado”.

Após a leitura de cada crônica fica a sensação de termos conversado com alguém que nos deixou algo de importante: uma lição, um conselho. Isso, provavelmente, tem a ver com o poder da literatura. Porque

O bom da literatura é que ela nos faz viajar por tempos e lugares aonde a gente nunca foi e nunca irá. Mesmo porque as coisas que existem na literatura não existem na realidade. A literatura tem os poderes dos deuses: ela faz existir coisas que nunca existiram e chama as coisas que não são como se fossem. Veja só este fragmento de Bernardo Soares, uma das personalidades de Fernando Pessoa: “O vapor em que parti chegou de vela ao porto. Que isso é impossível, dizeis. Por isso me aconteceu.” Aconteceu por ser impossível. Que é absurdo, é! Navios a vapor não se transformam em navios a vela ao meio da viagem. Mentira na realidade, verdade na literatura. As coisas que não existem são mais interessantes. E não é por isso que se invocam os deuses? O que não existe tem mais força. Acho que é por isso que o apóstolo João começou a sua estória dizendo que “no princípio era o Verbo” e “o Verbo era Deus”. (ALVES, 2004, p. 142).

A oralidade não caminha sozinha, pois vem de longas datas: desde quando os seres humanos ainda não tinham um código escrito. Junto com ela vem a memória, pois sempre tivemos a necessidade de contar e recontar. E onde armazenávamos tanta coisa se ainda não tínhamos o registro escrito? Antes do livro, veio o verbo. E para guardar tanto verbo fez-se necessário um compartimento: a memória. Podemos fazer uma analogia com um computador/celular: quando guardamos algum arquivo, dizemos que ele está na “memória” do computador/celular. Quando queremos lembrar algo que aconteceu em nossas vidas, acessamos a memória.

Eis a seguir nossa seleção de memórias recortadas das crônicas de *Se eu pudesse viver minha vida novamente*. Mais uma vez construímos a nossa narrativa remendando o texto de Rubem Alves com textos de outros autores e com nossas intervenções poéticas.

O capítulo a seguir é o pedaço que faltava para complementar a nossa colcha de retalhos.

4 ERA UMA VEZ O ANTIGAMENTE

“*Antigamente...* Menino, essa palavra me intrigava. Ouvia que os grandes em suas visitas noturnas a usavam com frequência. E eu perguntava: ‘Quando é antigamente?’ Nunca me explicaram. Mas agora eu sei quando é antigamente... (ALVES, 2004, p. 34, grifo do autor)”. O narrador agora sabe porque entendeu que “A alma anda para trás, navega ao sabor do suave sopro da saudade. Quer voltar ao seu passado (ALVES, 2004, p. 32)”. Agora que olha para trás, e tenta rememorar suas vivências, ele entende o que “os grandes” queriam dizer quando se reuniam. Afinal, seus mais velhos usavam essa palavra para puxar da memória os tempos de criança. Se ele já sabe o que quer dizer “antigamente” é porque agora é a sua vez de contar.

Nas crônicas de *Se eu pudesse viver minha vida novamente*, Rubem Alves convoca suas memórias infantis. Seu narrador é um velho que olhando do presente para o passado revive sua infância no interior de Minas Gerais. O narrador nos conta o que lembra e

Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. (BOSI, 1994. p. 55).

Alves não nega esse fato. Ele sabe que memória e devaneio convivem de algum modo. E, sem correr o risco de parecer mentiroso, comunica:

Escrevo para tranquilizar a saudade. Ao escrever, vivo de novo a infância que vivi. Mas nem sei se vivi... Não sei se a infância da minha memória é a infância acontecida ou um devaneio poético, a infância que eu gostaria de ter vivido. Talvez ao escrever, eu, velho, esteja vivendo agora o que nunca vivi... Sonhar é uma forma de viver. (ALVES, 2004, p. 79).

PEREIRA (2013, p. 96), em seu trabalho sobre narrativa de idosos, coaduna: “O ato de narrar histórias é o ato de recriação e não deixa de ser uma arte, é também poético”. Enquanto recria a sua infância, o autor traz para perto de si personagens que marcaram sua memória. Isso porque embora no ato de rememorar possamos estar a sós, a nossa memória se baseia no ser social que somos. Daí a existência de uma memória que transcende o indivíduo, pois é construída conforme o que vivenciamos com nossos grupos sociais, as leituras que fizemos, as coisas que

assistimos na TV, etc. “Nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se tratando de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós (HALBWACHS, 1990, p. 26)”.

É por isso que Rubem Alves quando olha do presente para o passado, traz consigo não só a sua história, mas também a história de um tempo, de um povo, de um lugar:

Foi longo o itinerário que segui. Minha infância foi uma infância feliz. Vivi anos de pobreza, morando numa casa de pau a pique, fogão de lenha, noites iluminadas pela luz das lamparinas e das estrelas, minha mãe trazendo água da mina numa lata, meu pai trabalhando com a enxada e com o machado. (ALVES, 2004, p. 17).

O autor trouxe para a sua narrativa objetos – casa de pau a pique, fogão de lenha, lamparinas, etc -, situações de pobreza – a casa em si, a falta de água encanada, o trabalho braçal na roça - e pessoas: seus familiares. Todas essas informações remetem ao seu tempo de menino. Tempo esse onde ocupava uma posição social de pobreza. Caso tivesse vivido uma outra realidade, onde a vida na roça e a pobreza não lhes fossem comuns, suas memórias fariam falar de outros lugares, objetos, situações e certamente não conheceríamos o fato de que na roça onde ele morou tudo era feito de pau:

A casa era de pau a pique. O fogo se fazia com paus de lenha. Tudo nos carros de bois era feito de pau (menos os bois...). A água se bebia numa vasilha de pau chamada cuia. As cercas se faziam com um pau oco chamado bambu. E até os canos se faziam com um pau chamado embaúba. Panela, lamparina, pratos e canecas – coisas de metal eram seres de um outro mundo. (ALVES, 2004, p. 78).

Também não saberíamos que

Em Minas, antigamente, era comum nas portas, à frente das casas, um buraquinho por onde passava um barbante. O barbante estava amarrado ao trinco. Bastava puxar o barbante do lado de fora para que a porta se abrisse. Assim, qualquer pessoa, a qualquer hora, podia entrar, sem precisar bater e, se não houvesse ninguém na casa, ir até a cozinha e tomar um cafezinho quente no fogão de lenha. (ALVES, 2004, p. 69).

O lugar não é mais o mesmo e os costumes mudaram. O que fica é a saudade de um tempo que não vai voltar. “Tenho saudade dos tempos em que as pessoas punham

cadeiras na calçada para conversar. Tenho saudade dos tempos em que os namorados podiam namorar nos jardins (ALVES, 2004, p. 73)”, lamenta o narrador. Mesmo que estejamos em mudança constante, quando paramos para lembrar algo que nos marcou, nos sentimos mais inteiros. Recordamos uma parte de nós que poderia estar adormecida e nos conhecemos um pouco mais. É por isso que a memória traz de volta aquela árvore arrancada, aquele balanço que não mais existe no presente, o rio quando era próprio para banho.

Sobra a memória: as lavadeiras alegremente lavando roupas dentro de riachos de água límpida; sobra o brilho do sol da tarde refletido na água espalhada na areia; sobram os divertidos caranguejos assustados correndo de lado com seus olhos-periscópios esticados...; sobra a imensidão do mar; sobra a imensidão das praias; sobram o azul, o branco, o verde; sobra o silêncio das vozes dos homens; sobra o céu estrelado; sobram os coqueirais, a água de coco...; **sobra a sensação de se estar em paz com a vida**. Disse a Adélia: ‘Aquilo que a memória amou fica eterno.’ Talvez eu não precise me mudar para a Bahia porque ela sobrou dentro de mim... (ALVES, 2004, p. 104, grifo nosso).

A Bahia que ele conheceu não é mais a mesma, nem ele é mais o mesmo, mas a memória eternizou isso, pois “sobra a sensação de se estar em paz com a vida”.

Quando dizemos que um depoimento não nos lembrará nada se não permanecer em nosso espírito algum traço do acontecimento passado que se trata de evocar, não queremos dizer todavia que a lembrança ou que uma de suas partes devesse subsistir tal e qual em nós, mas somente que, desde o momento em que nós e as testemunhas fazíamos parte de um mesmo grupo e pensávamos em comum sob alguns aspectos, permanecemos em contato com esse grupo, e continuamos capazes de nos identificar com ele e de confundir nosso passado com o seu. (HALBWACHS, 1990, p. 28).

Isso pôde ser confirmado por Alves quando contou para suas netas sobre suas memórias infantis, lugares, brinquedos e brincadeiras de antigamente. As meninas não se identificaram com nada daquilo, afinal, elas não compartilharam daquele espaço-tempo e o que as impossibilitou de “viajar” com o avó como ele gostaria:

Tentei levar minhas netas a viajar pelo mundo da minha infância, mundo no qual elas nunca estiveram. Falei sobre casas de pau a pique, fogões de lenha, minas d’água, monjolos, fornos de barro, galinhas botando ovo, “casinhas” e penicos, cheiros de capim-gordura e bosta de vaca, assombrações... Queria levá-las a passear comigo pelo mundo da minha infância, na roça. Queria que fossem minhas companheiras. Convidei-as, então, a entrar na minha máquina do tempo (...) Eu estava tentando voltar ao tempo perdido, para que ele não se perdesse. Acontece que acreditei demais no poder das

palavras. Como poderiam as minhas netas experimentar o meu mundo se elas nunca haviam estado nele? (ALVES, 2004, pp. 74, 75).

Para voltar no tempo foi preciso encontrar interlocutores que vivenciaram as mesmas experiências e compartilharam se não do mesmo espaço, do mesmo tempo. Ele conta a história de Dina, uma mulher de 86 anos, moradora de um asilo. Eles trocavam cartas e graças a troca de memórias, Dina “voltou aos dias de menina, morando na beirada do rio, tomando conta do forno de barro, cuidando para que os pães não queimassem, vendo a piracema, os peixes prateando sob a luz da lua cachoeira acima... (ALVES, 2004, p. 75)”. A alma de Dina eternizou o que merecia ser lembrado. O que Rubem Alves contou reacendeu nela a memória dos dias infantis. Isso porque

O encontro do ouvinte ou leitor com o texto do outro acontece através dos episódios, das falas dos interlocutores e nas memórias lembradas (...) No ato de contar nos reinventamos enquanto sujeitos, construindo, então, um imaginário carregado de metáforas, onde o leitor ou ouvinte encontra o seu lugar de co-participante na história. O que era simbólico torna-se real, pois **o outro se reconstrói a partir das interpretações e construções semânticas produzidas no ato de contar, narrar ou ler o texto** (PEREIRA, 2013, pp. 96,97, grifo nosso).

No fragmento acima, PEREIRA (2013) refere-se aos idosos da sua pesquisa, realizada em Saquinho – cidade do interior da Bahia. Mas se pensarmos no que aconteceu entre Dina e Rubem Alves, essa passagem cai feito uma luva. Dina se encontrou com o texto de Alves, tornando-se assim co-participante daquela história. E Alves também se reinventou enquanto escrevia para ela. Os dois ocupam o lugar de “outro” de certo modo, pois se reconstróem enquanto relembram e enquanto narram. “As lutas pela memória, eis algo de que todos temos conhecimento de causa (BOSI, 411)”. O narrador de Rubem Alves tem muito conhecimento de causa. Com isso vem o medo de que suas memórias se percam junto com a morte. A escrita é então o modo que o autor encontrou de se manter vivo e de deixar suas memórias-brinquedo para os que ficam. Ele encontrou nas letras um jeito de lutar pelas memórias:

Quando eu morrer, [as memórias] vão se perder. Mas não quero que se percam. Tenho de dá-las para alguém que tome conta delas. Aí me vem a aflição por escrever. Quando escrevo, estou lutando contra a morte. A morte das coisas que o meu amor ajuntou e que vão se perder quando eu morrer. (ALVES, 2004, pp. 48, 49).

Em dado momento Rubem Alves convoca o místico Angelus Silesius para falar sobre memória. O místico fala em um dos seus poemas que “Temos dois olhos. Com um nós vemos as coisas do tempo, efêmeras, que desaparecem. Com o outro nós vemos as coisas da alma, eternas, que permanecem (SILESIUS apud ALVES, 2004, p. 87)”. As memórias de coisas externas – do primeiro olho - estão conosco a todo tempo e para que mereçam a categoria da eternidade elas são transformadas pela segundo olho, “pois é isso que faz a alma: ela toma as memórias do primeiro olho como se fossem argila e lhes dá a forma que o coração pede (ALVES, 2004, pp. 87, 88)”. Desse modo, coisas efêmeras para as quais algumas pessoas não dariam a mínima importância podem se tornar caros para quem viu com o olho da alma porque “as coisas findas, muito mais que lindas, essas ficarão (DRUMMOND, 2012, p. 26)”. E

Para isto caminhamos a vida inteira: para chegar ao lugar de onde partimos. E, quando chegamos, é a surpresa. É como se nunca o tivéssemos visto. Agora, ao final de nossas andanças, nossos olhos são outros, olhos de velhice, de saudade. “Toda saudade é uma espécie de velhice”, disse o Riobaldo. É por isso que os olhos dos velhos vão se enchendo de ausências. “Memória fraca”, dizem os jovens. Engano: é que a sua alma sabe o que merece ser lembrado. Esquecem-se do que aconteceu ontem, mas se lembram do que aconteceu há muito tempo, como se fosse hoje (ALVES, 2004, pp. 33).

Dono de tantas memórias, Rubem Alves poderia escrever uma autobiografia. Porém ele nega essa possibilidade, pois sabe que a memória não é linear:

Essas reflexões me vieram no meu esforço de recuperar o meu tempo perdido. Quero visitar o meu passado para contar... Mas percebi que a minha memória, nesse esforço, não me contava uma *história*, uma série ordenada de eventos acontecidos que poderiam até se transformar numa biografia. (ALVES, 2004, pp. 88, 89).

Sobre isso Bosi (1994) assegura:

Conhecemos a tendência da mente de remodelar toda experiência em categorias nítidas, cheias de sentido e úteis para o presente. Mal termina a percepção, as lembranças já começam a modifica-la: experiências, hábitos, afetos, convenções vão trabalhar a matéria da memória. (BOSI, 1994, p. 419).

A mente categoriza as memórias e assim precisa ser para que caiba no espaço da narrativa, afinal, para um velho rememorar toda a sua vida precisaria de uma outra vida inteira para contar. Rubem Alves resolve essa questão decidindo escrever

crônicas, assim, cada uma de suas crônicas pode trazer um acontecimento “completo em si mesmo”. Ele decidiu que:

a melhor coisa seria contar a infância não como um filme em que a vida acontece no tempo, uma coisa depois da outra, na ordem certa, sendo essa conexão que lhe dá sentido, princípio, meio e fim, mas como um álbum de retratos, cada um completo em si mesmo, cada um contendo o sentido inteiro. Talvez seja esse o jeito de se escrever sobre a alma em cuja memória se encontram as coisas eternas, que permanecem... (ALVES, 2004, p. 89).

Em muitos dos seus depoimentos, podemos conferir a existência do social: sua família, os lugares onde morou, a pobreza enfrentada. Para além de tudo isso, é possível notar também as marcas de um indivíduo solitário. Alguém que foi excluído do convívio com os colegas por “ser diferente”:

Quando me mudei para o Rio de Janeiro, aos 12 anos de idade, menino do interior de Minas com um sotaque caipira, fui objeto de zombarias e chacotas. Nunca me senti tão sozinho. Nunca fui convidado a ir à casa de um colega e nunca tive coragem para convidar um colega para ir à minha casa. Sofri a dor da solidão e da rejeição. Mas foi esse espaço de solidão na minha alma que me fez pensar coisas que de outra forma eu não teria pensado. (ALVES, 2004, pp. 13,14).

“Por muito que deva a memória coletiva, é o indivíduo que recorda. Ele é o memorizador e das camadas do passado a que tem acesso pode reter objetos que são, para ele, e só para ele, significativos dentro de um tesouro comum (BOSI, 1994, p. 411)”. Os momentos de solidão foram significativos para que ele se tornasse a pessoa que se tornou. Ele aceita a solidão, como algo natural da velhice, porque

A vida é assim mesmo. Chega um momento em que a gente manda fazer uma canoa. Canoa de um só lugar. Bem que a gente queria a companhia de um filho. Não daria certo. Há de se remar sozinho. De longe os outros olham com um olhar de espantados, querendo saber das razões por que assim remamos, na solidão... (ALVES, 2004, p. 146).

É na solidão que temos acesso a pensamentos que no meio da multidão jamais tomaríamos conhecimento. Os nossos conflitos internos não podem ser vivenciados por outrem. Quando lembramos de algo que só nós temos conhecimento, estamos lidando com uma memória pessoal.

Na crônica “Se eu pudesse viver minha vida novamente”, crônica homônima ao livro, o autor faz um apanhado de memórias para tecer uma reflexão sobre o poema “Instantes”²:

Quando o li pela primeira vez, fiquei comovido. Era uma mistura de sabedoria e tristeza (...) ia assim, parágrafo após parágrafo, listando coisas que haviam sido feitas e que não deveriam ter sido feitas, e coisas que não haviam sido feitas e que deveriam ter sido feitas. (ALVES, 2004, p. 11).

Quando estava “a ponto de ‘desfazer’ 70 anos, muito embora os distraídos insistam em usar o verbo *fazer* (ALVES, 2004, p. 12, grifo do autor)”, Rubem Alves cogitou escrever algo parecido, “confessando erros e dando conselhos aos mais jovens. (ALVES, 2004, p. 12)”, mas ele desistiu e nos diz o porquê:

“se eu pudesse viver minha vida novamente”, eu quereria vivê-la do jeito mesmo como a vivi, com seus desenganos, fracassos e equívocos. Doidice? Imaginem que eu estivesse infeliz. Eu teria então todas as razões para voltar atrás e tentar consertar os lugares onde errei. Mas eu não estou infeliz. Vivo um crepúsculo bonito, com a suíte nº 1 de Bach, para violoncelo. Se houve sofrimentos no caminho, imagino que, se não os tivesse tido, talvez a suíte nº 1 de Bach não estivesse sendo ouvida. Estou onde estou pelos caminhos e descaminhos que percorri. (ALVES, 2004, pp. 12,13).

Dessa forma, seu narrador traz sempre bom humor naquilo que conta e nos encoraja a olhar o lado positivo da vida: “Vamos! A vida é bela. Pare de namorar a morte! Beba a taça até o fim (ALVES, 2004, p. 58)”. Com tantos descaminhos, ele poderia no final da vida escrever textos como *Instantes*, mas os episódios destoantes daquilo que se é esperado numa vida feliz, fizeram dele a pessoa que se tornou. Se o seu pai não tivesse ido à falência, ele não teria sido teólogo, professor, escritor. Sobre isso ele nos diz: “meu pai, homem muito rico, foi à falência. Ficou pobre. Teve de mudar de cidade para começar vida nova. Se isso não tivesse acontecido, é provável que hoje eu fosse um rico fazendeiro guiando uma F 1000 e contabilizando cabeças de gado (ALVES, 2004, p. 13)”.

Se, ao invés de “estórias”, Rubem contasse cabeças de gado não conheceríamos suas crônicas, seus causos, sua infância nos interiores de Minas: o costume do barbante na porta, casas de pau a pique, carros de boi, moinhos de água, as

² Autoria discutível. Poema atribuído ora a Jorge Luis Borges, ora a Nadine Stair. (Nota de rodapé encontrada no livro *Se eu pudesse viver minha vida novamente* de Rubem Alves, 2004, p. 06)

dificuldades para se enturmar com os colegas da escola. Algumas dessas coisas, de certo, muitos leitores também vivenciaram e, graças ao encontro com sua literatura, puderam lembrar.

Parece ser esse o sentido das crônicas do livro: despertar no leitor algo esquecido no tempo, mas muito importante na vida. Algo que nos faz enxergar que “Aquele tempo passou. Aquela alegria mergulhou no rio do tempo. Não volta mais (...) Tudo o que amamos, tudo o que é belo, passa (ALVES, 2004, p. 94)”. Após a leitura de *Se eu pudesse viver minha vida novamente* o que fica é a vontade de não desperdiçar a nossa.

Acabada a escrita deste capítulo sobre memórias, ocorreu-nos uma frase do filme Sociedade dos poetas mortos: “Carpe diem. Seize the day, boys. Make your lives extraordinary³”.

5 PARA ENCURTAR A CONVERSA...

Nas crônicas de *Se eu pudesse viver minha vida novamente* temos um narrador que conta, por meio da memória, partes da sua história. Ao contar sobre si, conta também sobre seu povo, suas moradas, costumes antigos. A sua escrita se entrelaça com a oralidade, desse modo, podemos com esta leitura obter ensinamentos e nos reconhecer num português do nosso cotidiano. Rubem Alves, um subversivo já muito (re)conhecido no Brasil – e no mundo – por suas contribuições na área da educação, autor de literatura, teologia e crítico da educação. Foi também pastor (nada ortodoxo), psicanalista, pianista e amante de Bach. Deixou-nos um legado de mais de 160 livros com variados temas, inclusive, literatura infantil. Foi amante de poemas, de quadros “o mais querido sendo *Mulher lendo uma carta* (...) de Vermeer (ALVES, 2004, p. 48, grifo do autor)”, de músicas, de crianças e da subversão.

Organizamos os trechos das crônicas de modo a conseguir uma narrativa poética que se distanciasse um tanto da escrita acadêmica. Embora este texto esteja à princípio

³ Dead Poets Society (Original), dirigido por Peter Weir, 1989.

destinado a leitores com o olhar já acentuado para o teórico, é preciso pensar naqueles que ainda o olham com estranheza. É preciso pensar “nas pessoas comuns”. Além disso, a poesia contida nas letras de Rubem Alves, de certo, escapuliria ao método. Afinal, já nos disse ele: “O mundo dos escritores não é o mundo dos gramáticos ALVES, 2004, p. 149)”.

Finalmente arrematamos a nossa colcha de retalhos. De cada capítulo queremos enfatizar a mensagem principal, pois sabemos que a memória precisa de repetições para ser estimulada. Em **Biografia de um subversivo** tratamos da vida de Rubem Alves enquanto alguém que subverteu alguns paradigmas da nossa sociedade, para “provarmos” citamos trechos das crônicas de *Se eu pudesse viver minha vida novamente*. Emendamos algumas citações do livro com as informações disponíveis no site do Instituto Rubem Alves. Em **No princípio era o verbo** novamente fizemos emendas, desta vez entre as citações do livro e algumas referências teóricas. No capítulo trouxemos retalhos de crônicas onde aparecem aspectos da oralidade. Em **Era uma vez o antigamente** fizemos um apanhado de memórias. Apresentamos trechos que remetem ao tema da memória e citamos alguns teóricos.

O nosso objetivo ao iniciarmos a escrita-costura desse texto-colcha de retalhos foi: trazer poesia para o texto acadêmico costurando, com pedacinhos de crônicas do livro *Se eu pudesse viver minha vida novamente*, uma narrativa que atravessasse a vida de Rubem Alves, suas memórias e sua escrita-oralidade. Assumimos com isto o risco de parecermos um tanto tolas, pois “Como você sabe, poesia não dá respeitabilidade acadêmica (ALVES, 2004, p. 113)”. Ainda bem que em Literatura, isso já não se faz mais um problema!

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **Se eu pudesse viver minha vida novamente**, São Paulo: Verus editora, 2004.

ADORNO, Theodor. **O ensaio como forma**. In: Notas de literatura I. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Claro enigma**, São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: O que é, Como se faz?** São Paulo: Loyola, 1999.

BANDEIRA, M. **Estrela da Vida Inteira**, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BENJAMIN, Walter. **O narrador**. In: Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Editora Brasiliense. 1985.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CUNHA, M. A. Furtado da; COSTA, M. A.; CEZÁRIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; RIOS DE OLIVEIRA, M; MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Linguística Funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A/FAPERJ, 2003.

HALBWACHS, Maurice. **Memória coletiva**, São Paulo: Vértice, 1990.

HAMPATÉ BÂ, A. A tradição viva In: HISTÓRIA GERAL DA ÁFRICA, I. Metodologia e pré-história da África / editado por Joseph Ki-Zerbo. 2.ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010.

INSTITUTO RUBEM ALVES. Disponível em:

<https://institutorubemalves.org.br/biografia/> acesso em: 13-03-2019.

PEREIRA, Àurea da Silva. **Narrativa de vida de idosos: memórias, tradição oral e letramento**. Salvador: Eduneb, 2013.

Reflexão comparativa sobre o gênero crônica, passeio pelos cronistas brasileiros

Levantar a bola da crônica

Fazer uma diferença entre a crônica e o ensaio

Intertextos

Reflexão sobre a escrita

As características do narrador: em outros gêneros e na crônica

Manoel de Barros

Como a poesia tem o poder de impactar – aliada a minha escrita

Dicotomia: acadêmico x poético (algo problemático)

Analítico e poético

Bakitin dialogismo

Autocentralismo do sujeito (Rubem Alves para falar dele mesmo)

Borges: um teólogo na morte, funis memoriozo referencia a colcha de retalhos